

Luta Antimanicomial e Feminismos

PEREIRA, M. de O.; PASSOS, R. G. (Org.). *Luta antimanicomial e feminismos*: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira. 1 ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. 214p.

Por Roberta Pereira da Silva¹

Resenha recebida: novembro de 2018.

Resenha aprovada: janeiro de 2019.

*Dois de novembro era finados, eu parei em frente ao São Luiz do outro lado e durante meia hora olhei um por um e o que todas as senhoras tinham em comum: a roupa humilde a pele escura, o rosto abatido pela vida dura². Ironicamente, não parei de pensar nesta passagem de um dos raps mais completos que a periferia já produziu. Um grupo masculino formado apenas por jovens negros, a partir das relações vividas, conseguiu suspender o cotidiano, parar por meia hora e a pausa tão necessária permitiu que o narrador da canção percebesse o “comum” entre os presentes (mulheres-pobres-negras). Com a mesma maestria a canção Negro Drama inicia afirmando: *Uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço [...] família brasileira dois contra o mundo, mãe solteira de um promissor vagabundo³. Ou seja, uma mulher, responsável por sua cria, solitária: solidão dos olhares, solidão das intervenções, solidão das políticas públicas, solidão dos movimentos políticos, solidão afetiva.**

Citar um grupo masculino reflete necessariamente a abordagem acadêmica, militante e epistemológica que as escritoras de **Luta Antimanicomial e Feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira**, trazem à baila. Meu imaginário foi

constituído por vozes masculinas, e apesar da citação mostrar-se inteiramente de acordo com o conteúdo proposto pela obra, este mesmo grupo de rap, nomina e reconhece principalmente as mulheres jovens que não cumprem o padrão pré-estabelecido, como “Mulheres Vulgares”, ou seja, mesmo com a suspensão do cotidiano, o grupo não foi capaz de dar o salto ontológico. É importante destacar que em minhas lembranças não ocorrem memórias femininas, vozes de mulheres denunciando sua condição de opressão. Meu imaginário vazio de referências femininas vai de encontro, portanto, com os escritos e as linhas femininas-feministas desta obra.

Dividido em 10 capítulos, cada um dos textos é costurado com fios de diferentes cores e texturas, pelas mãos de escritoras de diferentes áreas (biólogas, assistentes sociais, advogadas, etc.) formando um mosaico de temáticas que no seu entrelaçar dão consistência a argumentação fundante da obra: A ruptura da invisibilidade das várias mulheres (negras, cis, lésbicas, trans, etc.) pertencentes à classe trabalhadora, mediada por uma interseccionalidade ancorada na história e no trabalho como categoria modal fundante do ser humano vivo e ativo. O fio condutor é a luta antimanicomial e como seu aprofundamento foi capaz de derrubar muros de concreto e muros imaginários.

A obra conta com textos que abordam prioritariamente as teorias que construíram e constroem o pensamento antimanicomial, apontando para a necessidade da confluência da luta antimanicomial com a totalidade, reconhecendo o imperativo que a ruptura com o modelo manicomial deve estar atrelada com o fim do capital.

Longe de ser apenas uma estratégia de ações em saúde mental, a luta antimanicomial aponta em seu bojo a luta ampliada contra a sociedade capitalista, considerando que a lógica de higienização, afastamento e controle dos corpos “desviantes” está para além de uma estrutura de ferro e concreto, mas sua presença é cotidiana nas relações mais simples dos viveres. Ou seja, compreende-se que a luta pelo fim dos manicômios é a luta por uma sociedade livre de opressões e desigualdades.

Os textos apontam que o debate antimanicomial deixou nos corredores assépticos asilares, ou melhor, trancado na alma das mulheres seu sofrimento, suas particularidades e suas singularidades, portanto o trabalho aqui desenvolvido é debruçar-se sobre a situação das mulheres suas invisibilidades como também sua resistência e a importância dos feminismos.

O livro remete, portanto, sobre o pensar crítico quanto às mulheres de “vestido cinza”, até então homogeneizadas, sem características que as humanizassem e as particularizassem. As mulheres construíram e constroem vidas e viveres, carnes fracas? Absolutamente são carnes duras, que enfrentam cotidianamente o patriarcado e o racismo na sua face mais sombria. O intercalar dos textos numa lógica quase literária contribui para o aprofundamento imanente a partir do real, camuflado ideologicamente, onde reconhece, sem pausa, os corpos femininos como “não ser”.

Ao descreverem as situações de opressão expressas no “tratamento” de seus sofrimentos e as experiências cotidianas, sejam elas nas chamadas cracolândias, ou nos presídios e/ou hospitais de custódia, ou mesmo nos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) as autoras trazem as mulheres, como atrizes principais. O lugar comum é colocado a prova e as reflexões presentes desvelam a lógica moralizante e de controle presente nas intervenções profissionais e nos movimentos sociais, pois nem as organizações de luta contra o racismo, tampouco o movimento feminista “clássico” foram capazes de perceber e reivindicar amiúde as demandas centrais das mulheres negras, reproduzindo, portanto, as relações sociais que pretendiam combater.

O desenvolver dos capítulos vai construindo a teia de saberes. No que se refere especificamente a condição de mulher negra há um esforço em compreender como o fato da opressão de classe e o racismo, impacta e fundamenta significativamente o sofrimento mental. A invisibilização do sofrer produz nestas mulheres “sintomas” e acometimentos físicos que são tratados, exclusivamente, pelos saberes psiquiátricos e sociojurídicos que as desconsideram.

Os textos denunciam a forma como são tratadas as mulheres e como esses corpos são ininterruptamente violentados, as denúncias partem tanto de observações, pesquisas e relatórios oficiais, quanto pelo extraordinário texto com base no diário de Maura Lopes Cançado. Se quando crianças são institucionalizadas pela “incapacidade” de suas mães “pretas” lhes fornecerem cuidado, na adolescência e vida adulta são internadas e encarceradas seja em manicômios seja em instituições penais.

Há exposições riquíssimas que conceituam gênero e o inter-relacionam com a formação do saber psiquiátrico, que reconhece a mulher como ser propício à loucura. No que pese o racismo institucional, o controle dos corpos, via o encarceramento e/ou via a medicalização, é peça chave para a compreensão da configuração das ações voltadas às mulheres. O desenvolver da sexualidade e a não-heteronormatividade como gerador de desconforto e necessidade de intervenção se faz presente nos diversos depoimentos e situações ora relatadas.

Constata-se que a mulher se encontra, portanto, numa encruzilhada de opressões, presa a um cativeiro. Se sua condição é invisível às políticas públicas e as diversas intervenções, compreendê-las como corpos passíveis de controle é o mais comum nas instituições manicômias, carcerárias e asilares.

Outra relação presente nos escritos é a intersecção entre a luta antimanicomial com a luta antiproibicionista, se as expressões da questão social são acirradas ao que pese as mulheres, o uso de substâncias psicoativas também sofre impactos do machismo e do racismo, pois o uso abusivo por mulheres é como um atestado de sua incapacidade enquanto mulher, responsável pela casa, pelos filhos, enquadradas nos padrões morais e de conduta pré-estabelecidos. Muito do aumento do encarceramento está diametralmente relacionado com a “Guerra contra as Drogas”, e mesmo neste universo há uma divisão nítida da divisão sexual do trabalho, haja vista as mulheres estarem em funções de menor valor e maior risco. Outro ponto fundamental é

o encarceramento em massa das mulheres que teve um aumento de 570% entre 2000 e 2014 destas 68% são mulheres negras.

Contudo, não é por acaso que a obra traz em seu título a palavra “luta”, os textos apresentam ainda a organização das “improváveis”, e, como a resistência está presente e é possível, o livro encerra-se com uma bela entrevista com uma das ativistas do movimento antimanicomial.

Escrito *com* e não sobre as mulheres, as escritoras nos envolvem nos remetendo a reflexões importantes para o cotidiano de luta e para o cotidiano profissional. O “museu de grandes novidades” apresentado por elas põe em xeque a forma como o Serviço Social vem trabalhando e desenvolvendo estratégias frente a estas mulheres. O projeto ético-político construído pela categoria, sem qualquer exagero teórico, necessita com urgência apropriar-se dos saberes construídos pela luta antimanicomial e seus desdobramentos, principalmente, no que tange a luta das mulheres negras pertencentes a classe trabalhadora. Uma vez que se encontra na linha de frente do atendimento destas mulheres seja em qual for o campo socioocupacional. Ou seja, o debate não é restrito aos profissionais da saúde mental, mas a toda categoria que tem como objeto as expressões da questão social. Portanto, aprofundar-se no debate trazido pelas autoras é romper definitivamente com a “prática indiferenciada”.

Notas

- 1 Mestre em Serviço Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), assistente social do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) em São Paulo. Brasil. ORCID: 0000-0001-7886-4552. E-mail: robertaneam@gmail.com
- 2 Canção: Mundo Mágico de Oz, 1998, Racionais Mcs.
- 3 Canção: Negro Drama, 2002, Racionais Mcs.

